

# ATLAS DAS FRONTEIRAS

## AGRADECIMENTOS

Aos nossos alunos, primeiros leitores, primeiros pensadores.  
Àquela que esteve presente quando necessário. (H. B.)

Em memória do amigo Benjamin Orenstein, sobrevivente de  
Auschwitz, corajosa e incansável testemunha de um povo que foi  
martirizado por não dispor mais cedo de uma sólida fronteira  
nacional. (F. E.)

TÍTULO ORIGINAL: *Atlas des frontières – Retour des fronts, essor des murs*  
TÍTULO: *Atlas das Fronteiras – Regresso das Frentes, Crescimento dos Muros*  
AUTOR: Hugo Billard e Frédéric Encel

CARTOGRAFIA: Paul Gallet

© Autrement, uma chancela das Editions Flammarion, Paris, 2021  
© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2023  
Reservados todos os direitos

*A presente edição não segue a grafia  
do novo acordo ortográfico.*

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL: Inês Figueiras  
TRADUÇÃO: Isabel Lopes  
REVISÃO: Joana Baudouin  
DESIGN DE CAPA: Ilídio J.B. Vasco  
PAGINAÇÃO E CONVERSÃO DOS MAPAS: André Cardoso

ISBN: 978-989-702-934-9  
DEPÓSITO LEGAL: 510897/23  
1.ª EDIÇÃO: Março de 2023

Impresso em Braga por Publito



GUERRA E PAZ, EDITORES, LDA.  
R. Conde de Redondo, 8-5.º Esq.  
1150-105 Lisboa  
Tel.: 213 144 488 / Fax: 213 144 489  
E-mail: guerraepaz@guerraepaz.pt  
www.guerraepaz.pt

# ATLAS DAS FRONTEIRAS

**Regresso das Frentes, Crescimento dos Muros**



Hugo Billard · Frédéric Encel

Cartografia de Paul Gallet

Tradução de Isabel Lopes



# ATLAS DAS FRONTEIRAS

## 6 INTRODUÇÃO

## 9 CONSTRUIR E HERDAR

- 10 O povo hebreu, das frentes à fronteira
- 14 Império Romano: o difícil *limes*
- 18 Império Chinês: frentes, muralhas e fronteiras
- 22 Vestefália, 1648: o nascimento das fronteiras modernas
- 26 Frentes e conflitos: de Clausewitz às guerras mundiais
- 30 Fronteiras coloniais e descolonização
- 34 Fronteiras de uma Guerra Fria
- 38 Pós-1989: regresso, confronto ou fim das fronteiras?

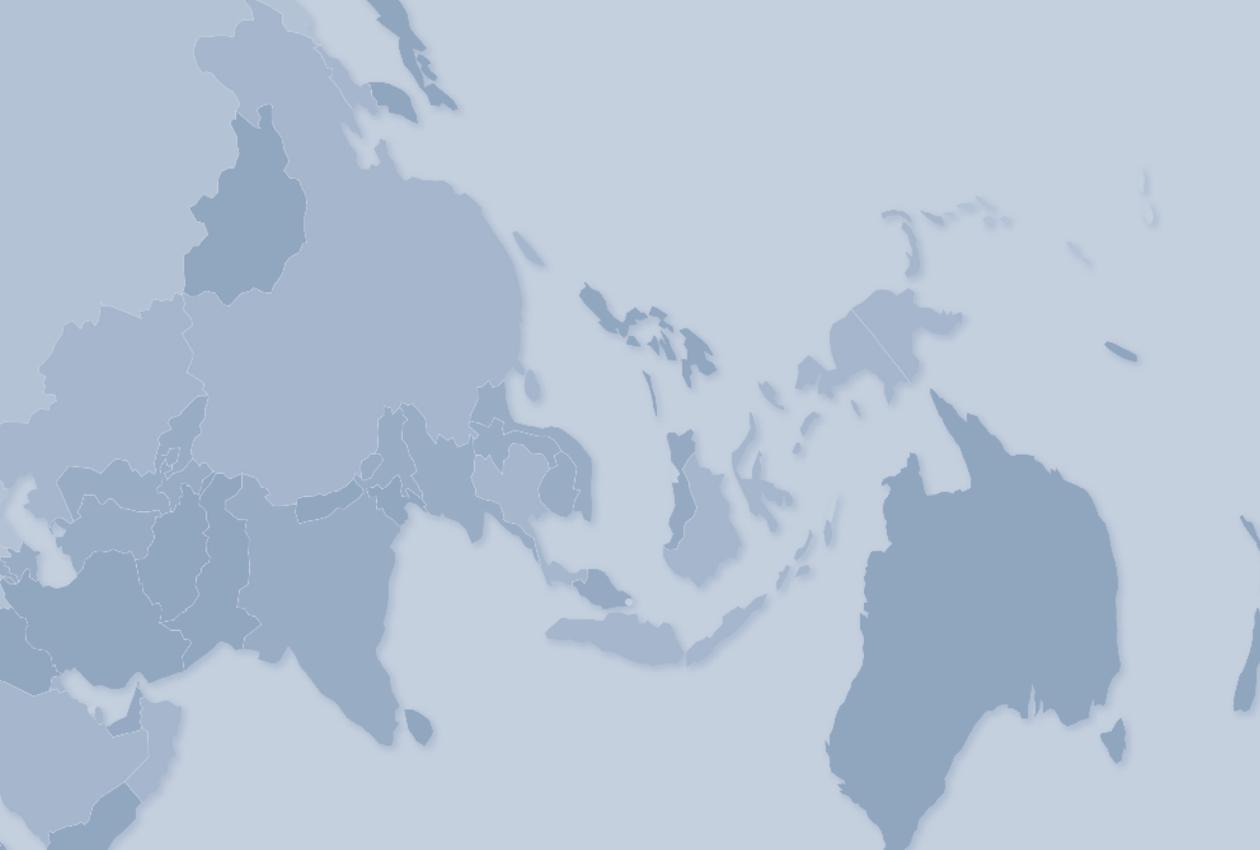
## 43 REPRESENTAR(-SE)

- 44 A guerra dos mapas: dos portulanos aos *fake maps*

- 48 Frentes naturais, fronteiras de vida
- 52 Fronteiras francesas, das marcas ao *pré carré*
- 56 Israel e os seus vizinhos, o conflito dos mapas
- 60 O muro americano-mexicano, fronteira ou manifesto político?

## 65 GERIR AS DESCONTINUIDADES

- 66 Hiperlocais de fronteira: aeroportos e embaixadas
- 70 As periferias urbanas: fronteiras ou fracturas?
- 74 As cidades-fronteira
- 78 As ilhas-fronteira
- 82 A fronteira, um *sas*
- 86 O turismo, criador de fronteiras
- 90 As frentes de contrabando
- 94 Cáucaso e mar Negro, conflitos europeus?



## 99 AFIRMAR E REGULAR

- 100 Governar as fronteiras
- 104 Definir fronteiras marítimas
- 108 Controlar os céus, uma fronteira tecnológica
- 112 O espaço, uma frente sem fronteiras
- 116 As fronteiras digitais: ciberespaço, *darknet* e *darkweb*
- 120 As eurorregiões, cooperação transfronteiriça
- 124 Fronteiras da China, fronteiras de poder?

## 129 O VIVO E O VIVIDO

- 130 Fronteiras-fantasma: a RDA depois de 1990
- 134 Vestígios de frentes: territórios disputados e adormecidos
- 138 Identidades e fronteiras

- 142 Coreias, fronteira desmilitarizada: cooperação impossível?

- 146 Os campos de refugiados, fronteiras sob tensão

- 150 O migrante, corpo-fronteira no Mediterrâneo

- 154 O terrorista, corpo-frente no Sahel e no Médio Oriente

- 158 Pandemias e regresso das fronteiras

- 162 Alterações climáticas: um novo fim das fronteiras?

## 166 CONCLUSÃO

- 170 Glossário

- 172 Bibliografia



# INTRODUÇÃO

As fronteiras constituem uma realidade tão polimórfica que, desde a Antiguidade mais remota, são caracterizadas por um só denominador comum: incorporam limites estabelecidos pelos poderes políticos ou religiosos vigentes. No mundo geopolítico moderno e contemporâneo, a fronteira diferencia em terra, mas também na água (mares e rios) e no ar, Estados soberanos, seja qual for a natureza do respectivo regime.

Contrariando o senso comum, uma fronteira não está necessariamente vocacionada para assumir a forma de uma frente – zona de confronto armado num instante *T* entre linhas ou massas em conflito – nem de um limite fechado ou intransponível. Acima de tudo, deve permitir que o Estado de cada um dos lados mantenha o seu próprio sistema institucional, judicial, económico e cultural.

As fronteiras interestatais passaram recentemente por duas grandes

tendências. Primeiro, multiplicaram-se, após 1945, proporcionalmente aos novos Estados nascidos da descolonização e, mais tarde, da dissolução da URSS; muitas destas fronteiras, na América Latina, na África e na Ásia, haviam já sido forjadas pelas potências da Europa Ocidental, conquistadoras durante quatro séculos, e sobretudo no século XIX. Posteriormente, após os anos 2000, as fronteiras «consolidam-se e enchem-se de barreiras» (M. Foucher). Perante terroristas aqui, emigrantes ali, traficantes noutros lugares, os Estados tendem a dar às suas fronteiras o aspecto de muros, fossos electrificados, dunas de areia, ou funcionários portadores de instruções de segurança em consulados e aeroportos.

Muitas vezes, é constituída por um elemento natural (cume dos Pireneus, rio Jordão), sempre traçada por uma relação de forças políticas ou militares. Uma fronteira é uma convenção que não nasce *ex nihilo*.



Resumidamente, no sentido «lacostiano»<sup>1</sup> do termo, uma fronteira apresenta-se: perigosa, se não partilha um terreno geograficamente defensável e/ou se o vizinho inimigo a transgride; favorável, se inclui territórios que se representam a si próprios como valiosos; ilegítima, se imposta a partir do exterior ou quando secciona indevidamente o seu próprio colectivo linguístico, nacional ou clânico; inutilmente onerosa, se constitui um entrave à transumância e ao comércio; sagrada, se inclui um local de culto ou que foi outrora fixado por profetas ou heróis...

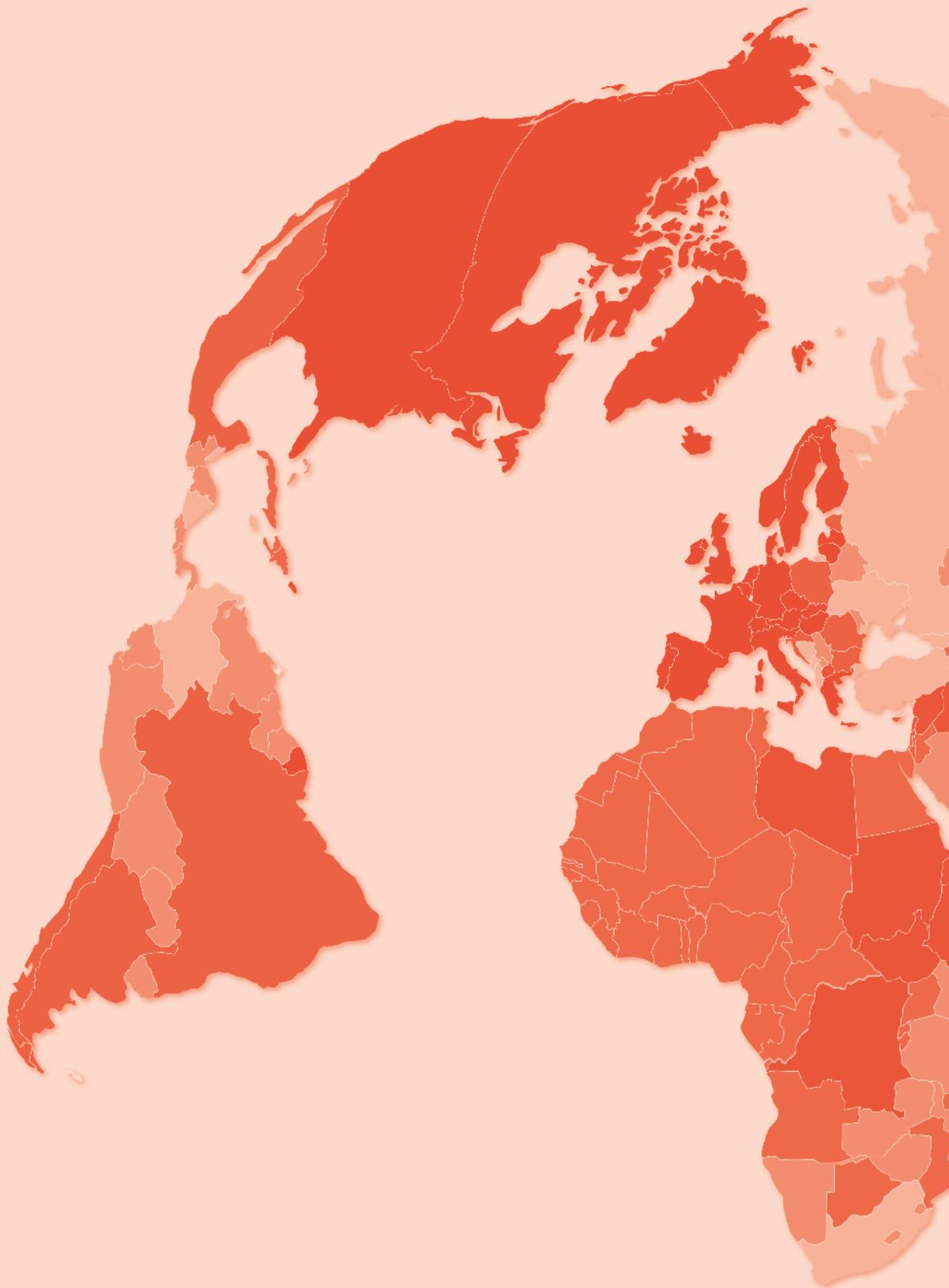
Dito isto, as fronteiras de amanhã não serão mais socioeconómicas do que políticas, a menos que, em muitos países, não seja já esse o caso? Quanto às pandemias e às catástrofes naturais, não terão estas tendência para reforçar os egoísmos nacionais? Uma

coisa – falsamente paradoxal – parece certa: quanto mais globalizado é o nosso planeta, mais fronteiras ergue...

Concluindo, em termos metodológicos, escolhemos para esta obra um plano simultaneamente temático, geográfico e cronológico, de modo a abarcar o mais amplamente possível o espectro das realidades fronteiriças. O início com os Hebreus deve-se às duas características seguintes: por um lado, trata-se da primeira configuração transfronteiriça tão precisa, por outro lado, porque reflecte as indicações teológicas, mas sem as seguir verdadeiramente. Esta é também a oportunidade para recordar que nenhuma fronteira é completamente sagrada sempre e para toda a eternidade e que o pragmatismo prevalece muitas vezes – felizmente – nas relações de força entre as potências...

---

<sup>1</sup> Termo derivado de Yves Lacoste (Fez, 1929), geógrafo e geopolítico francês. (*N. da T.*)



# CONSTRUIR E HERDAR

As fronteiras são herdadas naturalmente das vicissitudes da História. Frentes móveis ao sabor dos conflitos, *limes* frágeis dos impérios, por vezes muros (na Escócia) ou muralhas (na China), as fronteiras são fruto das rivalidades de poder entre os grupos políticos e sociais que aí vivem. Embora os tratados tenham florescido na época medieval, a fronteira, como linha negociada e reconhecida, implanta-se na paisagem jurídica internacional moderna em 1648, após a Guerra dos Trinta Anos e dos tratados de Vestefália. A fronteira é pensada como a expressão paisagística de uma relação de força, tanto na Europa como nos espaços colonizados. Embora a Guerra Fria tenha adormecido os conflitos fronteiriços, o fim da URSS assiste ao seu ressurgimento, entre a utopia do fim da História e a realidade do regresso dos nacionalismos. Estaremos perante um «regresso das fronteiras» (Michel Foucher)? De qualquer forma, elas são a consequência física dos sobressaltos do mundo.



AS TERRAS DA BÍBLIA: RELEVO E FRONTEIRAS NATURAIS





## AS ACEPÇÕES DE ERETZ ISRAEL —

	Fronteiras de Canaã	Do Sinai ao Eufrates	Promessa do Monte Nebo (Moisés)	Território das Doze Tribos	Reino de David e Salomão
Jerusalém (Jebus)	☆	☆	☆	☆	☆
Galileia (incluindo o lago Tiberíades)	☆	☆	☆	☆	☆
Judeia e Samaria (Hebrom e Nablus)	☆	☆	☆	☆	☆
Libano do Sul (bacia do Litani)	☆	☆	☆	☆	☆
Margem ocidental do Jordão (Jericó)	☆	☆	☆	☆	☆
Margem oriental do Jordão	○	☆	☆	☆	☆
Neguev Norte (Berseba)	☆	☆	☆	☆	☆
Neguev Sul (Eilat)	○	☆	☆	○	☆
Costa medit. Sul (Gaza/Asdode/Ascalão)	☆	☆	?	○	○
Costa medit. Norte (Acre/Tiro/Sídon)	?	☆	?	○	○
Golã	○	☆	☆	○	☆
Eufrates (margem direita)	○	☆	○	○	☆
Sinai	○	?	○	○	○

☆ Território que figurava explicitamente em *Eretz Israel*

? Território difícil ou impossível de situar em *Eretz Israel*

○ Território situado explicitamente fora de *Eretz Israel*

ACEPÇÕES REVELADAS

ACEPÇÕES EMPÍRICAS

Hérodote n.º 74-75, 1994.

interrompida em 701 a. C., conquista babilónica vitoriosa de 586 a. C., invasões romanas de 66-73 e, mais tarde, de 132-135 da nossa era...; mais do que grandes batalhas campais, que a baixa demografia judaica e a mediação dos obstáculos topográficos ou fluviais impossibilitavam, os defensores preferiam o acantonamento atrás das muralhas: Jerusalém, reiteradamente, Gamala (no planalto Golã, entre duas ravinas profundas) em 67,

Massada em 70-73, Beitar (maciço a sul de Jerusalém) em 135. Após o esmagamento da última revolta judaica pelo imperador Adriano – que castiga a Judeia rebaptizando-a como «Palestina», sem dúvida numa referência aos Filistinos –, os sábios do Talmude trocarão as fronteiras físicas pelas cultuais e espirituais de um povo judaico durante muito tempo privado da sua soberania.

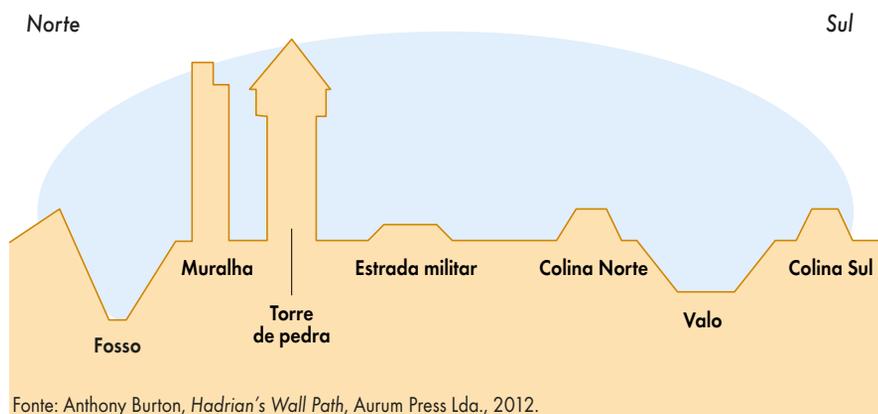




## O DANÚBIO, FRONTEIRA ESTRATÉGICA



## MURALHA DE ADRIANO



agrimensar e delimitar eram sinais de posse, de apropriação e de domínio sobre o homem e sobre a natureza, numa relação natural com a terra e a sua cultura. Embora inicialmente a expansão territorial se tenha feito de forma aleatória e indeterminista, por volta do segundo século da nossa era, uma política muito mais coerente pôde, desta vez, coincidir com o termo

imperialismo. As terras conquistadas passavam a ser juridicamente propriedade do imperador e do povo romano, desapossando, assim, o inimigo desse direito. Mas Roma terá sempre uma abordagem pragmática e política, delimitando os espaços a proteger imperiosamente – as províncias senatoriais – dos agregados territoriais que flutuavam ao sabor da pressão exterior.



# IMPÉRIO CHINÊS: FRENTES, MURALHAS E FRONTEIRAS

As muralhas da China continuam a ser a maior obra humana jamais construída. Necessitando de um número gigantesco de trabalhadores, que morreram aos milhões durante a realização dos trabalhos, a sua construção estendeu-se ao longo de dois milénios. É o único exemplo de uma civilização que construiu tantas muralhas de protecção – para refrear e repelir inimigos volúveis – que originalmente possuiriam uma dimensão bastante mais simbólica, alimentando todos os imaginários.

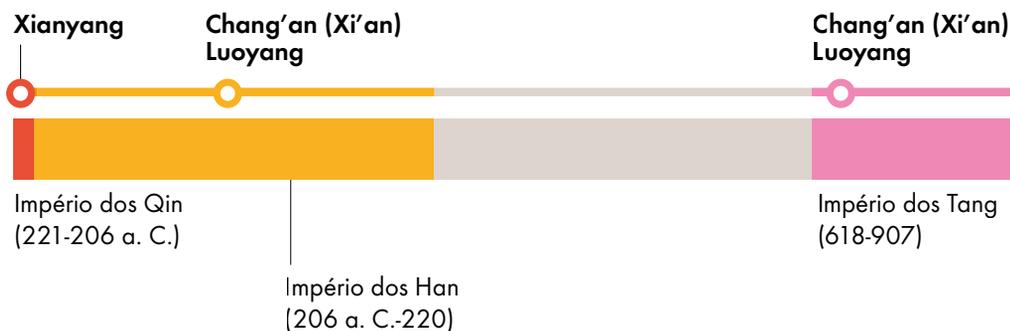


## MURALHAS E HOMENS

Na China, constroem-se muralhas há muito tempo: desde 685 a. C., quando os primeiros Estados se estruturaram, que estas delimitam fronteiras e impedem incursões e invasões do inimigo.

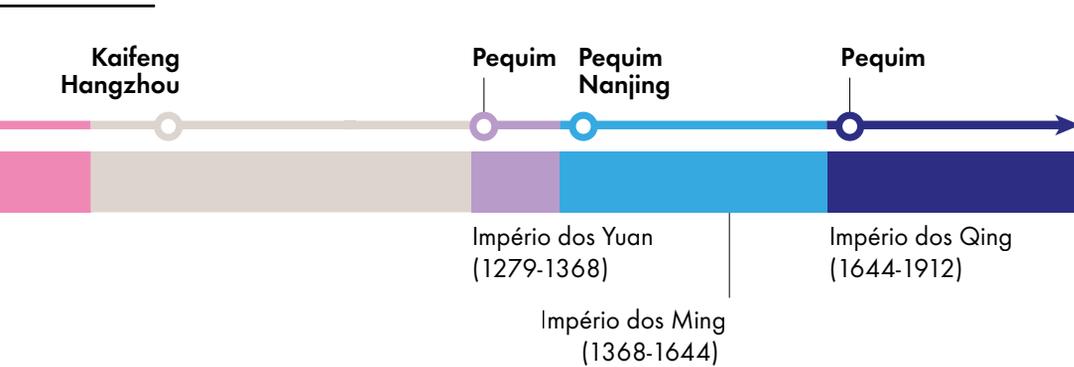
Erguidas em picos e cumeadas, com barreiras naturais a ligar as várias secções, foram construídas sobretudo durante a dinastia dos Han, no século II a. C., mas foi no século XV, com os Ming, que a muralha, vigiada

## AS CAPITALS HISTÓRICAS DA CHINA (DE 221 A. C. ATÉ À ACTUALIDADE)



Fonte: T. Sanjuan, *Atlas de la Chine*, Autrement, 2007.

## IMPÉRIOS E DINASTIAS



# A GRANDE MURALHA DA CHINA

